

Eletricitários gaúchos pela atuação sindical de Álvaro Ayala

Electrical workers from Rio Grande do Sul and the union leadership of Álvaro Ayala

Suéllen de Medeiros Cortes,¹ UFPel

Resumo

Este trabalho faz parte da minha dissertação defendida em 2025 pelo PPGH da UFPel, onde analisei a trajetória do sindicalista Álvaro Leonardi Ayala, buscando compreender, por meio de sua atuação sindical e política, o desenvolvimento do sindicalismo gaúcho no século XX. Discutindo como o contexto histórico em que esteve inserido moldou sua prática sindical e de que forma sua experiência individual dialogou com processos coletivos da classe trabalhadora. Sua formação militante ocorreu no Brasil pós-1930, marcado pelo populismo, pela expansão do Estado e pela influência comunista na organização operária. A inserção de Ayala no Sindicato dos Eletricitários do Rio Grande do Sul e sua atuação na Companhia Estadual de Energia Elétrica demonstram a relevância dos sindicatos como espaços de mobilização, formação política e mediação entre capital, trabalho e Estado.

Palavras-chave: Sindicalismo. História Social. Trabalhadores.

Abstract

This work is part of my master's dissertation, defended in 2025 at the PPGH at the UFPel, in which I analyzed the trajectory of the trade unionist Álvaro Leonardi Ayala, seeking to understand, through his union and political activities, the development of trade unionism in Rio Grande do Sul throughout the 20th century. It also discusses how the historical context in which he was inserted shaped his union practice and how his individual experience interacted with collective processes of the working class. His militant formation took place in post-1930 Brazil, a period marked by populism, the expansion of the State, and communist influence in labor organization. Ayala's involvement in the Union of Electrical Workers of Rio Grande do Sul and his activity in the State Electric Power Company highlight the relevance of unions as spaces of mobilization and mediation between capital, labor, and the State.

Keywords: Trade Unionism. Social History. Workers.

Introdução

Este trabalho corresponde ao segundo capítulo da minha dissertação, defendida no ano de 2025 sob o título de “Ligação Direta: eletricitários gaúchos e a atuação sindical de Álvaro Ayala (1941–1981).” Orientada pelo Professor Doutor Edgar Ávila Gandra. A pesquisa refletiu sobre o período de 1941 a 1981, analisando a organização dos trabalhadores do

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Também é Licenciada e Mestra em História pela mesma instituição. Contato: suka.cortes@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5175049162819332>.

Sindicato dos Eletricitários do Rio Grande do Sul a partir da trajetória sindical de Álvaro Ayala. Ao tomar como fio condutor a experiência de Álvaro Ayala, buscamos realçar não somente sua atuação individual, mas construir um quadro mais abrangente a partir desse personagem, destacando algumas das estratégias através das quais os eletricitários gaúchos se mobilizaram e construíram formas de resistência frente às condições de trabalho impostas e os embates políticos da época.

A escolha do recorte temporal entre 1941 e 1981 se justifica por marcar dois momentos decisivos na trajetória de Álvaro Ayala: em 1941, ainda muito jovem, aos 18 anos, ele ingressaria na antiga Companhia Estadual de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul (CEERG) — que posteriormente viria a se tornar CEEE — dando início à sua vida profissional como leiturista; e foi em 1981, após anos de perseguições políticas e uma violenta prisão durante a Ditadura Civil-militar, que Álvaro Ayala pôde retornar à CEEE e também reassumir seu espaço no movimento sindical.

No presente texto reflito sobre a constituição do Sindicato dos Eletricitários a partir da trajetória de Álvaro Ayala, destacando a relevância estratégica da categoria. Situados no setor energético, os eletricitários detinham um enorme poder de barganha, uma vez que a expansão e o funcionamento do parque energético gaúcho eram fundamentais para o desenvolvimento econômico regional, assim como para os projetos de modernização nacional.

Em termos metodológicos, este estudo buscou inspiração junto à micro-história italiana para analisar o Sindicato dos Eletricitários através da atuação de Álvaro Ayala no contexto da encampação da CEERG. O método microanalítico permitiu compreender a práxis sindical de Álvaro Ayala inserida em diferentes contextos e em suas múltiplas relações, percebendo semelhanças e diferenças capazes de iluminar, pela redução da escala de análise, processos históricos mais amplos (Karsburg, 2015). Essa mudança de perspectiva proposta pela micro-história não significa um abandono da totalidade, mas sim a possibilidade de observar o geral a partir do particular. Como lembra Levi, a redução de escala “revela aquelas contradições que só aparecem quando a escala de referência é alterada” (Levi, 1992, p. 155), permitindo identificar perspectivas que, sob uma lente mais ampla, permaneceriam invisíveis.

Entre as fontes consultadas no Acervo Ayala, pertencente ao Instituto de Ciências Humanas da UFPel, foram utilizadas entrevistas antigas em fita cassete do próprio Álvaro Ayala e de seus companheiros de luta. Da mesma forma, a História Oral foi utilizada como metodologia para entrevistar líderes sindicais e os filhos de Ayala. Esse recurso metodológico

ampliou as possibilidades de acesso a memórias e experiências ligadas a Álvaro Ayala, e também se revelou primordial para compreender os sentidos atribuídos à sua trajetória sindical e política.

Sindicato pela trajetória de Ayala

Para compreender a trajetória de Álvaro Ayala à frente do Sindicato dos Eletricitários Gaúchos, torna-se indispensável reconstruir o panorama político e social do Rio Grande do Sul, e, em uma perspectiva mais ampla, do próprio Brasil, desde as primeiras décadas do século XX. Nesse período, diversos serviços essenciais passaram por processos de encampação pelo Estado, como o Porto de Rio Grande, federalizado em 1919, e a Viação Férrea, em 1920, entre tantos outros. Um traço recorrente dessas encampações foi a intensa participação dos trabalhadores sindicalizados², que desempenharam atribuição central na organização e no funcionamento dessas instituições públicas.

Segundo Axt (1995), em sua pioneira dissertação sobre o tema, cerca de 80% da energia elétrica consumida no Rio Grande do Sul em 1952 já era fornecida pela Comissão Estadual de Energia Elétrica (CEEE), criada em 1943 como resposta às falhas e críticas aos serviços prestados pelas multinacionais de energia. A CEEE surgiu não só como um instrumento de modernização e expansão do setor elétrico, mas como uma oportunidade de fortalecer a atuação sindical, uma vez que a gestão estatal demandava a presença organizada dos trabalhadores. Na década de 1950, a CEEE atendia praticamente todo o estado, restando apenas algumas regiões fora de seu controle: Porto Alegre e Canoas, cuja operação ainda estava sob responsabilidade da *Bond and Share* até a encampação em 1959, e a região de Pelotas, que permaneceu sob a administração da *The Rio Grandense Light and Power Syndicate Limited* até a década de 1970.

Essas encampações e a expansão da CEEE transformaram a infraestrutura energética do estado, criando um terreno fértil para a mobilização sindical. O Senergisul, Sindicato dos Eletricitários do Rio Grande do Sul, foi criado em 20 de dezembro de 1941, mas foi apenas em 1956 que a oposição liderada por Jorge Alberto Campezatto e Álvaro Ayala, assumiu a liderança. É nesse contexto que a atuação de Ayala se insere, marcada pela articulação entre interesses operários e desafios estruturais de um setor estratégico.

²Apesar de Ayala possuir noções e perspectivas de um sindicalismo associado ao Partido Comunista, sua atuação, como a de um homem de seu tempo, caracterizava-se muito mais pelo modelo sindical varguista então vigente.

Não se pode considerar coincidência ou acaso que os trabalhadores de setores estratégicos, muitos deles encampados pelo governo, ocupassem posições de destaque tanto nos sindicatos quanto na vida política. Álvaro Ayala foi um desses trabalhadores que atuavam em serviços estratégicos e que, assim como vários de sua época, estavam diretamente vinculados aos setores mais relevantes do mundo do trabalho naquele período. Esse conjunto de trabalhadores se destacou justamente pela função que desempenhava dentro das novas estruturas de modernização do Brasil, adquirindo maior projeção social e política.

O surgimento da CEEE, do SENERGISUL e o começo da militância de Ayala

Os elevados custos dos serviços prestados pelas companhias privadas, somados à baixa qualidade do fornecimento de energia elétrica à população, geraram ampla insatisfação social e consolidaram o apoio da opinião pública à encampação sem indenização. Esse clima favorável acabou produzindo um consenso político inédito, capaz de unir diferentes grupos em torno da ideia de monopólio estatal do setor elétrico, conforme registrado nos Anais da Assembleia Legislativa (Miranda, 2006). A iniciativa do governo estadual foi, de fato, ousada: pouco mais de cem dias separaram o início do mandato de Leonel Brizola como governador do Rio Grande do Sul da encampação da Companhia de Energia Elétrica Rio-grandense (CEERG) pela Comissão Estadual de Energia Elétrica (CEEE), ocorrida em 13 de maio de 1959.

O destaque do Rio Grande do Sul nas encampações desta época se dá devido à própria presença do Vargas e sua influência no PTB local, já que as alianças políticas PTB-PSD que se fortaleciam nacionalmente, não se efetivaram por aqui. O PSD adotou uma postura mais conservadora, o que fez, por outro lado, o PTB abraçar pautas tidas como mais progressistas, especialmente aquelas vinculadas aos direitos sociais. O desencontro dos caminhos dessas duas legendas extremamente significativa no cenário nacional é mais um dos atributos que ao longo desta dissertação iremos ampliar.

É primordial destacar também a função decisiva da liderança sindical na condução desse processo. Pouco antes de Leonel Brizola assumir o governo, em 1956, Álvaro Ayala e Jorge Campezatto assumiram o Sindicato dos Eletricitários, se tornando peças centrais da categoria durante o processo de encampação, articulando reivindicações, mobilizando trabalhadores e estabelecendo um elo direto entre a militância operária e as decisões políticas do Estado. A atuação de Ayala, em particular, evidencia como sua trajetória sindical se

articulou com as transformações estruturais e políticas que marcaram o Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX.

Naquela época em que nós começamos, meados da década de 1950, Porto Alegre era uma aldeia. A gente gritava lá da Rua dos Andradas, quem estava aqui em cima, na Santa Casa, ouvia e respondia. Todos sabiam de todos os acontecimentos da cidade. Os portuários entrevam em greve, o movimento sindical todo se preparava. Estavam todos juntos. Assim como quando a área de energia fazia greve, os outros setores já ficavam na expectativa. A solidariedade do movimento sindical gaúcho sempre foi muito importante. [...] Tanto que nós tínhamos pioneiramente, um comando sindical que quando fazia as passeatas fechava todo o comércio. O comércio fechava mesmo. Formamos uma chapa de oposição à direção daquela época, e vencemos as eleições que se realizaram em 1956. Permanecemos juntos durante oito anos, eu como presidente e Ayala como secretário executivo. Nós dois éramos ainda delegados do sindicato junto à Federação.³

Pode-se observar na entrevista cedida por Campezzatto a união e articulação de sindicatos de setores essenciais durante a década de 1950, período marcado pela consolidação das Leis Trabalhistas e por encampações que fortaleceram os trabalhadores e melhoraram os serviços fornecidos para a população. As novas tradições políticas iniciadas na década de 1930 e a consolidação da percepção operária sobre sua própria força de ação começavam a reorganizar as relações de poder dentro do Estado brasileiro. Desta forma precisamos voltar ao conceito de tessitura de redes de Seavage (2004) para melhor analisar a ação de Ayala, pois, mesmo sendo oposição ao grupo trabalhista que estava no poder, em diversos momentos ele se posicionou ao lado destes quando o assunto era a defesa dos direitos sociais.

A Legalidade se articulou em cima dos comandos, *né?* No caso o pai era um comando sindical, o que mostra o que ele era uma liderança importante no movimento sindical e de alguma maneira consensual entre vários segmentos do movimento sindical, porque ele tava lá nessa liderança, entendeu? Agora a questão da presença com Brizola, tem que ver que Brizola é um cara à esquerda, não de esquerda, né? E o país estava vivendo um profundo o processo de nacionalismo que pros comunistas era uma ação anti-imperialista e para o Brizola também, entendeu? Então, na campanha para a criação da Petrobras, você vai ver que a esquerda dessa época junto com getulismo. [...] Eles fizeram esse movimento de defesa nacional para combater o imperialismo que era o grande inimigo.⁴

Luci Ayala, filha de Álvaro Ayala, oferece um exemplo esclarecedor da estratégia adotada pelo pai. Sua proximidade com grupos trabalhistas não representava um alinhamento

³ Jorge Campezzatto em entrevista cedida em 1999 – Fita Cassete – Acervo Ayala – UFPel

⁴ Entrevista feita com Luci Ayala, filha de Álvaro Ayala, em maio de 2024.

ideológico ou revolucionário, mas sim uma escolha pragmática em favor dos interesses da classe. As aproximações entre grupos historicamente opostos se davam sempre que havia potencial para avanços concretos em direitos sociais, revelando a capacidade de Ayala de transitar entre diferenças políticas em nome de conquistas coletivas.

Nas palavras do próprio Ayala, em entrevista concedida em 1997 ao programa sindical *Ligação Direta*, ao ser questionado sobre como via o aniversário de 57 anos do SENERGISUL à época, temos uma afirmação de grande relevância histórica:

Olha, como mais antigo Sindicalista do país, como sócio mais antigo do sindicato, como funcionário mais antigo da empresa, conhecendo a luta do sindicato e conhecendo profundamente a empresa, eu digo: esta data é uma data que representa um marco na história do sindicalismo gaúcho e um marco na história do sindicalismo brasileiro, porque do nosso sindicato saíram federações nacionais, confederações e conquistas de centrais sindicais. Enfim, o Sindicato dos eletricitários esteve sempre na crista da onda do movimento sindical gaúcho e do movimento sindical brasileiro. Era pequeno e isso se deve a duas coisas, primeira coisa era ser de uma categoria fundamental, ser uma categoria básica, a energia elétrica é a base de toda a indústria, é a base de todo o trabalho, é a base de todo o capital. Consequentemente os funcionários de uma empresa deste porte, com esta capacidade, são pessoas altamente especializadas e para ser especializadas tiveram que ler, estudar. Na leitura e no estudo chegaram ao sindicalismo. O que que é o sindicalismo? É a força que mantém a luta.⁵

Esse trecho da entrevista revela a posição de Álvaro Ayala acerca de sua trajetória e de sua representatividade no âmbito do Sindicato dos Eletricitários Gaúchos, assim como no movimento sindical brasileiro como um todo. Ele se coloca como testemunha privilegiada e protagonista da história do SENERGISUL, articulando memória pessoal e memória coletiva. Sua vida confunde-se com a própria história do sindicalismo gaúcho, e sua atuação consolidou-o como elo entre diferentes áreas da empresa, do sindicato e da política sindical mais ampla. Ademais, Ayala destaca a dimensão estratégica da categoria eletricitária: por ser imprescindível à indústria, ao capital e ao trabalho, a energia elétrica conferia ao sindicato um protagonismo central na organização dos trabalhadores. Essa percepção é indispensável para compreender o destaque do SENERGISUL, tanto na formação de novas lideranças sindicais quanto na sua relevância como espaço de elaboração política.

Ampliando a análise, é possível afirmar que a fala de Ayala sintetiza a visão de um

⁵ No caso específico de Ayala, torna-se evidente que, após sua entrada no serviço público, ele passou a demonstrar maior segurança em sua militância, em parte devido às salvaguardas e garantias de estabilidade que essa esfera de trabalho oferece aos seus servidores.

sindicalismo que vai além da defesa imediata de direitos trabalhistas, assumindo um caráter estruturante na política e na sociedade. Ao destacar a necessidade de formação técnica e intelectual dos eletricitários como caminho natural para a consciência de classe, ele aproxima a luta sindical da valorização do estudo e da leitura, elementos que fortaleceriam a organização coletiva. Assim, o Sindicato dos Eletricitários Gaúchos aparece, em sua narrativa, não somente como um espaço de reivindicação, mas como verdadeiro núcleo irradiador de cultura política, de integração nacional do movimento operário e de resistência histórica frente aos desafios colocados pelo capital e pelo Estado. Nesse sentido, Ayala não se limita a rememorar o passado, mas reafirma a posição estruturante do sindicato na constituição do sindicalismo brasileiro contemporâneo.

Greves, mobilizações e fortalecimento sindical

No mesmo período em que Ayala consolidava sua liderança no Sindicato dos Eletricitários, a CEEE passava por transformações expressivas após a encampação realizada por Leonel Brizola em 1959. Antes da medida, a CEEE era uma autarquia estadual e os funcionários da CEERG não se enquadravam como servidores públicos civis. A tentativa do governo de incorporá-los ao quadro funcional gerou desentendimentos com o sindicato, culminando na rejeição unânime das propostas da Diretoria Geral da CEEE pelos trabalhadores (Santos, 2002). Para resolver o impasse, Brizola instituiu uma Comissão Especial de mediação, e a Assembleia Geral aprovou, por aclamação, a proposta conciliatória, garantindo avanços para a categoria.

A tentativa frustrada de incorporar, sob pressão, os trabalhadores da ex-CEERG nos quadros regulares da CEEE, bem como a derrota sofrida na negociação salarial, convenceram a Diretoria Geral da CEEE a rever suas estratégias de negociação. No apagar das luzes do ano de 1959, ela apresentou diretamente aos trabalhadores da ex-CEERG, o seu presente de final de ano: concessão a todos os trabalhadores, que optassem pelo regime estatutário, das mesmas conquistas adquiridas ao longo do tempo pelo funcionalismo público do setor de energia elétrica (Santos, 2004, p. 203).

É importante, para este trabalho, deixar claro que o processo de encampação da antiga CEERG, ao transformar seus trabalhadores em funcionários públicos, implicou mudanças significativas em sua estrutura organizacional de classe, como se pode observar.

Com a instituição da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)³⁴, em 1º de maio de 1943, regramentos inspirados na legislação trabalhista do governo fascista de Benito Mussolini, a situação dos funcionários públicos se manteve no mesmo patamar, ou seja, sem o direito à organização sindical como estava previsto aos trabalhadores do setor privado. Para as organizações sindicais que se contrapunham à regulação e tutela do Estado, essa forma de fazer sindicalismo configurava-se como consuetudinário, paternalista e, preponderantemente, assistencialista. No entanto, mesmo lutando por reformas no sistema sindical, as entidades, os dirigentes e os partidos não chegaram – nem chegam – a um consenso quanto à melhor forma de representação classista, se independente ou regulada/tutelada, global ou fragmentada, financiada pela contribuição sindical ou pela contribuição associativa. (Oliveira, 2016, p. 60)

O direito à organização sindical era voltado aos trabalhadores do setor privado. Nesse contexto, compreender as negociações estabelecidas entre o Sindicato dos Eletricitários Gaúchos e o então governador Leonel Brizola permite explicar a manutenção do SENERGISUL enquanto entidade sindical organizada, agora representando trabalhadores do setor público, mesmo diante da proibição legal, mas gozando de determinados benefícios resultantes dessa negociação política.

O processo de encampação da CEERG representou uma ruptura nos contratos de trabalho vigentes, obrigando os funcionários a se adaptarem ao novo regime estatutário do Estado. A mudança gerou preocupação quanto à garantia de direitos, levando o Sindicato dos Eletricitários Gaúchos a promover protestos, negociações e articulações para proteger seus associados. Com o apoio de outros sindicatos gaúchos, fortaleceu-se uma rede de solidariedade e pressão coletiva, evidenciando a força do movimento sindical e a importância de lideranças como Álvaro Ayala na mediação entre trabalhadores e Estado durante esse período de transformações.

Essa nova postura da CEEE teve efeito contrário e provocou uma enérgica reação não apenas dos eletricitários, mas de grande parte do sindicalismo gaúcho. Em menos de quatro meses o sindicalismo gaúcho promoveu duas greves gerais. Nestas, a defesa da permanência do sindicato dos eletricitários figurou como uma das principais reivindicações. [...] A pouca adesão à greve de março, atribuída sobretudo as vacilações da Executiva do IV Congresso dos Trabalhadores Gaúchos (CTG), desafiou os sindicatos a organizarem uma segunda paralisação. Durante dois meses consecutivos, as lideranças das principais entidades sindicais do Estado reuniram-se sistematicamente para discutir a viabilidade de uma nova greve. No dia 6 de julho as maiores cidades do Estado do Rio Grande do Sul pararam. A greve de junho teve um caráter mais amplo e foi organizada e dirigida pela Intersindical, pelo Comando Sindical de Porto Alegre e pela Executiva do IV Congresso dos Trabalhadores Gaúchos. Essa greve explicitou as reivindicações comuns dos

trabalhadores: o respeito às entidades de classe (sindicatos e associações) Depois destes enfrentamentos, o governador Leonel Brizola, na tentativa de jogar uma pá de cal na questão dos eletricitários, obrigou a Diretoria Geral da CEEE a reconhecer o sindicato dos eletricitários como representante legítimo dos trabalhadores e a circunscrever as disputas entre as direções da CEEE e do sindicato apenas à esfera judicial (Santos, 2004, p. 193).

A citação demonstra como a postura adotada pela CEEE acabou gerando um efeito contrário ao esperado, fortalecendo a mobilização sindical em vez de enfraquecê-la. A tentativa de reorganizar a empresa e controlar a representação dos trabalhadores encontrou resistência imediata, não só dos eletricitários, mas de grande parte do movimento sindical gaúcho. Esse episódio demonstra que, em contextos de mudanças estruturais nas empresas públicas, a força organizativa das categorias profissionais podia se manifestar de forma articulada, mesmo diante de pressões institucionais.

A rápida sucessão de greves gerais em menos de quatro meses ilustra a capacidade de reação e articulação do sindicalismo gaúcho, bem como a centralidade do Sindicato dos Eletricitários nas demandas coletivas. A greve de março, embora com baixa adesão, evidenciou os desafios enfrentados pelas entidades sindicais, incluindo vacilações internas e dificuldades de coordenação. No entanto, essas limitações não paralisaram o movimento; pelo contrário, impulsionaram a organização de uma segunda paralisação, mais ampla e estruturada, mostrando a maturidade crescente da classe trabalhadora em termos de planejamento e estratégia coletiva.

A greve de julho de 1960, organizada por instituições como a Intersindical, o Comando Sindical de Porto Alegre e a Executiva do IV Congresso dos Trabalhadores Gaúchos, revela a consolidação de mecanismos de coordenação intersindical, estratégias que viriam a ser amplamente utilizadas pelas lideranças do período. Essa mobilização prolongada e coordenada reforçou o dever do sindicato na defesa de seus associados, explicitando reivindicações comuns a todos os trabalhadores, sobretudo o respeito às entidades de classe como representantes legítimas da categoria.

O desfecho do conflito, com a intervenção do governador Leonel Brizola obrigando a CEEE a reconhecer formalmente o sindicato dos eletricitários, mostra como a pressão organizada dos trabalhadores podia influenciar decisões políticas e administrativas. A determinação de Brizola de restringir as disputas apenas à esfera judicial conferiu ao sindicato legitimidade e autonomia, fortalecendo sua posição dentro da empresa e no cenário sindical estadual. Esse episódio destaca a relação simbiótica entre mobilização sindical, liderança

estratégica e capacidade de negociação com o Estado, elementos que se tornaram centrais na trajetória de líder do Sindicato dos Eletricitários Gaúchos.

As conquistas supracitadas fortaleceram de maneira decisiva o Sindicato dos Eletricitários, que, assim como outros, consolidaram-se como atores centrais nas greves subsequentes e na organização do Congresso dos Trabalhadores Gaúchos (CTG). Esse é, sem dúvidas, um contexto no qual os sindicatos dos setores estratégicos garantiram muitas vitórias junto ao governo. Destaca-se, por exemplo, o caso dos estivadores, que por suas recorrentes conquistas salariais e de outros benefícios eram conhecidos como “Marajás de calção” (Gandra, 1999). Em meio a esse cenário, sob a liderança de Álvaro Ayala, o sindicato dos Eletricitários coordenou ações coletivas que representaram significativas vitórias para a categoria, fazendo de Álvaro Ayala um reconhecido dirigente, capaz de articular interesses diversos, mediar conflitos internos e defender com firmeza os direitos da categoria.

No V Congresso dos Trabalhadores Gaúchos, realizado em agosto de 1960, essa influência tornou-se visível na aprovação de uma moção simbólica que representava o rompimento com o governo trabalhista de Leonel Brizola. Essa decisão evidenciou a autonomia política conquistada pelo sindicato e reforçou a imagem de Ayala como liderança proativa, capaz de equilibrar a relação com o governo e, ao mesmo tempo, atender às demandas da base. Cabe salientar que os movimentos políticos realizados pelos sindicatos têm, além de um efeito prático, uma dimensão simbólica. Desta forma, ao romper com o governo, mais além de tornar-se oposição, o sindicato passava a mensagem de que seu apoio estava condicionado às negociações cujos termos beneficiassem a classe, e que não poderia presumir-se um alinhamento automático, mantendo mobilizados os associados.

A fotografia abaixo captura um momento do Congresso dos Trabalhadores Gaúchos, em que Álvaro Ayala surge em destaque realizando uma fala em meio a um conjunto de trabalhadores que o acompanham no palanque e outros tantos que o escutam do chão. A análise dessa fotografia nos permite compreender que espaços como este auxiliaram na consolidação do reconhecimento de sua liderança sindical, uma vez que a escolha do conjunto de trabalhadores de lhe dar voz representativa já demonstra certo protagonismo, refletindo a articulação entre organização sindical, força política da categoria e presença estratégica junto aos espaços de decisão.

Figura 1 – V Congresso dos Trabalhadores Gaúchos – Agosto de 1960 – Destaque para Ayala discursando



Fonte: Acervo Ayala – UFPel

Na imagem acima (Figura 1), a distribuição simbólica das pessoas na fotografia oferece um vislumbre das hierarquias presentes nesse espaço de representatividade operária. Nas laterais do palanque, dois homens parecem atuar como seguranças, controlando o acesso e garantindo que apenas pessoas autorizadas se aproximem dos oradores. Um olhar mais geral revela que a própria linha do palanque estabelece uma divisão simbólica entre aqueles que têm direito à palavra — ocupando o espaço reservado à representatividade sindical — e os demais trabalhadores, que, embora participem da assembleia e tenham direito ao voto, permanecem fisicamente afastados do centro do poder simbólico, reforçando visualmente a distinção entre liderança e base da categoria.

Anexada à imagem previamente analisada, a fotografia abaixo (Figura 2) também pertence ao Acervo Ayala da UFPel e foi registrada na mesma época. Observa-se que muitas das figuras presentes no palanque da primeira foto estão agora junto ao Governador Leonel Brizola, indicando a continuidade da participação das lideranças sindicais nos eventos políticos daquele período. O V Congresso dos Trabalhadores Gaúchos havia votado pelo rompimento com o governo de Brizola, o que sugere que esta segunda fotografia, abaixo, retrata um momento posterior, possivelmente relacionado à entrega das resoluções do Congresso, à apresentação de novas pautas ou a reuniões de negociação entre as lideranças e o governo estadual. Vale destacar, ainda, a posição de Álvaro Ayala próxima a Leonel Brizola, o que sugere que ele ocupava um espaço de maior visibilidade naquele contexto específico. Tal proximidade, contudo, deve ser compreendida à luz das dinâmicas circunstanciais desses eventos e das relações políticas então estabelecidas, indicando sua inserção no ambiente sindical.

Figura 2 – Destaque para o Governador Leonel Brizola e Álvaro Ayala ao seu lado



Fonte: Acervo Ayala.

Analisar esta imagem permite reconhecer Álvaro Ayala como integrante de uma minoria articulada, capaz de atuar estrategicamente na cena sindical e política. Observar sua trajetória no início dos anos 1960, sob o prisma da construção de sua imagem de liderança, demonstra tanto os momentos em que ele discursava quanto aqueles em que se posicionava em destaque nas fotografias. Na imagem acima, podemos perceber trabalhadores que conquistaram a capacidade de se aproximar do poder após participação ativa em um Congresso que votou pelo rompimento com o próprio governo.

Naquele período era comum a oscilação dentro do campo trabalhista, através das quais, em certos momentos, os líderes sindicais demonstravam apoio a Leonel Brizola e, em outros, quando suas reivindicações não encontravam eco no governo, assumiam posição de oposição, ainda que temporária. Mesmo com o resultado do Congresso, de romper temporariamente suas relações com o governo, os trabalhadores optaram por posar ao lado de Brizola para uma fotografia. Esse gesto revela uma prática recorrente dos trabalhadores, de buscar visibilidade e demonstrar proximidade com lideranças políticas nos registros fotográficos, como no caso de Ayala, que aparece ao lado do governador. Muitas vezes essas fotografias eram repetidas à exaustão, justamente para atender à disputa por quem ficaria mais próximo da figura de destaque.

Essa alternância entre apoio e oposição demonstra que os sindicalistas brasileiros se afirmavam gradativamente como agentes políticos. Eles eram capazes de articular interesses, identificar possibilidades concretas de conquista e utilizar tanto os espaços abertos pela

legislação quanto a força da mobilização coletiva, ora pressionando, ora cooperando com o governo, sempre em defesa do benefício comum de sua categoria.

O testemunho de familiares de Álvaro Ayala contribui de forma relevante para compreender a amplitude de sua trajetória política e sindical. As memórias pessoais revelam aspectos de sua militância que nem sempre aparecem nos registros documentais. A fala de sua filha Luci Ayala, nesse sentido, oferece um olhar privilegiado sobre as redes de articulação que Ayala construiu ao longo de sua vida, bem como sobre o reconhecimento de sua liderança em diferentes espaços da política brasileira:

O pai viajou o Brasil inteiro fazendo política com o Jango e com o Brizola, porque eles tinham uma causa em comum que era aquela coisa nacionalismo durante o Imperialismo. Mas eu acho que ele ia como representante sindical assim e não como alguém que tivesse se candidatando a alguma coisa.⁶

O depoimento demonstra a atuação de Ayala ao lado de grandes lideranças políticas do período, como João Goulart e Leonel Brizola, nos primeiros anos da década de 1960. Ao rememorar essas experiências, Luci Ayala destaca a relevância de seu pai como liderança sindical que transitava nos espaços de debate nacionalista e de enfrentamento ao imperialismo, sem, no entanto, assumir função de candidato ou buscar cargos eletivos. Esse dado reforça a ideia de que sua atuação se estruturava a partir da legitimidade conquistada no campo sindical e de seu compromisso com as causas coletivas, mais do que em projetos de ambição pessoal.

É sempre importante ressaltar que, durante os governos trabalhistas, líderes sindicais eram frequentemente enviados por seus sindicatos para atividades, encontros e viagens junto aos líderes do governo. No entanto, isso não significava integrar a comitiva oficial, que geralmente era composta por um grupo mais restrito, formado por políticos, assessores e familiares; esses líderes iam, de fato, cumprir uma espécie de agenda paralela, com atividades destinadas a representações específicas e compromissos vinculados ao movimento sindical.

Desta maneira, o relato permite compreender como Ayala se inseria em uma rede mais ampla de articulação política que ultrapassava os limites do sindicato e da própria categoria dos eletricitários. Sua presença em diferentes espaços do País, em diálogo com líderes de grande expressão nacional, atesta seu protagonismo e a relevância estratégica do movimento sindical nesse período. A fala de Luci Ayala, portanto, ilumina a dimensão política de Ayala

⁶ Entrevista feita com Luci Ayala, filha de Álvaro Ayala, em maio de 2024.

para além das fronteiras da CEEE e do SENERGISUL, revelando-o como figura representativa de um sindicalismo que dialogava diretamente com os rumos da política nacional no início da década de 1960.

Ascender na política sindical podia significar a conquista e a manutenção de acessos a espaços e interlocutores que não estavam disponíveis a todos os trabalhadores. No caso dos eletricitários, Ayala representava uma categoria composta majoritariamente por “peões de poste”⁷. No entanto, essa nunca foi a posição por ele ocupada. Como funcionário da CEEE, Ayala exercia a função de leiturista, atividade que, à época, exigia alfabetização e o uso de vestimenta formal, como gravata. Considerando os elevados índices de analfabetismo existentes no período, esse dado sugere que Ayala dispunha de um capital cultural relativamente diferenciado em relação a parte significativa da categoria, o que pode ter contribuído para sua atuação e circulação em determinados espaços sindicais.

O Sindicato dos Eletricitários Gaúcho se fortaleceu com a encampação em um período favorável ao movimento operário no Brasil. Segundo Santana:

A conjuntura que vai de 1945 a 1964 pode ser considerada uma das mais importantes da história do movimento operário e sindical brasileiro. Apesar de variações ocorridas em seus diferentes períodos internos, ela foi marcada pela riqueza de experimentações relativas à organização dos trabalhadores, sua prática política sindical, bom como em suas relações com agentes sociais externos: o Estado, os partidos políticos e os empregadores (Santana, 2001, p. 39).

Desta forma, podemos situar a trajetória de Álvaro Ayala como parte ativa dessa conjuntura de intensa experimentação e reorganização do movimento operário. Sua atuação sindical se destacou pela sua capacidade de articular os distintos atores sociais, desde as lideranças sindicais e os próprios trabalhadores até as instituições estatais e partidos políticos.

Ademais, há um fator estrutural que contribuiu para que Ayala, enquanto representante do Sindicato dos Eletricitários, ocupasse uma posição de maior proximidade com o governo: pertencer a uma categoria que pertence ao setor considerado estratégico. Em um contexto histórico no qual o Estado reconhecia a cidadania de determinados grupos de trabalhadores (reconhecimento esse que está fortemente atrelado à concessão de direitos sociais), onde os servidores públicos, sequer possuíam o direito à organização sindical. Nesse cenário, a condição de exceção, sendo um funcionário público com acesso a uma estrutura sindical

⁷Jargão popular utilizado pelos trabalhadores eletricitários para se referir ao trabalhador mais baixo na hierarquia.

conferia a Ayala uma legitimidade ampliada para atuar em negociações, algo que não se estendia aos trabalhadores em geral, e menos ainda às categorias marginalizadas ou situadas fora do reconhecimento oficial do conceito de “trabalhador brasileiro” vigente à época, como extrativistas, quebradoras de coco, canoeiros e artesãos autônomos.

Esse contexto fortaleceu Álvaro Ayala como liderança sindical dos eletricitários, evidenciando sua capacidade de mediação e a importância estratégica do setor que representava. À frente de um segmento essencial da infraestrutura energética do estado, articulava os interesses da categoria e dialogava com o governo. Como destaca Víctor Nuñez, sua atuação ultrapassava a defesa de direitos imediatos, envolvendo negociações e articulações políticas que consolidaram sua relevância no movimento sindical gaúcho.

Esse trabalho feito pelo Ayala começou a ser procurado, depois os sindicatos é que começaram a agir coordenadamente e formaram um setor que atingia diretamente o público em qualquer paralisação, era uma intersindical que envolvia ferroviários, o pessoal da energia elétrica, o pessoal da Carris e os servidores públicos, tudo isso aí. Então tinha paralisação, e era uma paralisação para ser sentida, porque não tinha trem, não tinha bonde e a energia elétrica era só das casas, nada das ruas. Então bastava afirmar isso, organizar, anunciar e a paralisação começava. Os sindicatos foram crescendo em prestígio a partir destas manifestações. E depois surgiu um organismo mais amplo, o Comando Sindical, foi esta atuação que foi levando.⁸

Essa era uma relevante ferramenta de barganha. Todas as vezes que estes setores estratégicos paravam, a cidade em si era paralisada, provocando uma enorme pressão no governo e garantindo aos sindicatos ou à intersindical uma maior possibilidade de acesso ao núcleo do poder e à garantia de conquistas. Foi dentro dessa realidade que o ano de 1960 se viu marcado por uma agenda de muitas atividades sindicais, dentro e fora do Rio Grande do Sul, como podemos notar no relato abaixo e nos registros fotográficos.

Em 1960, fui a um congresso no Rio de Janeiro, como advogado recém formado. Os pelegos estavam perdendo poder, o pau quebrou e eles se retiraram. Então a oposição tomou conta do congresso, num movimento que levou, pouco a pouco, à queda dos pelegos. Álvaro Ayala foi nomeado delegado da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria, no Rio Grande do Sul, e me convidou para trabalhar na delegacia da CNTI. Ele fazia o trabalho político e eu o jurídico. Foi um período de muita riqueza, muita expansão. Os pelegos sofreram uma derrota muito grande. É aí que nasce um sindicato do setor de energia elétrica, que elegeu o Campezatto e o Ayala, entre outros. Novamente fui contratado por ele para trabalhar. Houve não só em quantidade como em qualidade, uma melhoria muito grande no

⁸ Víctor Nuñez em entrevista cedida em 1999 – Fita cassete Acervo Ayala – UFPel.

movimento sindical do Rio Grande do Sul. E os pelegos perdendo cada vez mais terreno. Foi muito importante o papel de Ayala nesse trabalho que, ao mesmo tempo, era um trabalho político, um trabalho sindical, mas propiciando e estimulando um trabalho técnico, na área jurídica. O Ayala era muito habilidoso para tratar, era bom argumentador, não brigava, não era radical no trato pessoal. E é importante ressaltar essas diferenças. Eles fizeram oposição durante muitos anos aos pelegos e conquistaram muito para a sua categoria.⁹

Nesta fala do advogado Victor Nuñez podemos observar o recorrente uso do termo “pelego”, que ele usa para se referir aos grupos que anteriormente lideravam o sindicato dos eletricitários e eram ligados ao governo trabalhista, tendo sido derrotados pelo grupo político liderado por Ayala nas eleições sindicais. Essa divisão é um dos elementos fundamentais para compreender os constantes embates políticos que se deu entre estes setores, assim como foi essencial a aproximação com o governo em momentos estratégicos.

Essa breve trajetória nos ajuda a compreender como partidos de esquerda e aqueles especificamente trabalhistas atuavam nesse espectro de formação política. A rede de relações que o levou a essas agremiações ainda não está totalmente desvelada nesta fase da pesquisa; podemos supor que havia sedução política das mais diversas nos ambientes operários que Ayala frequentava, mas é perceptível, ao primeiro olhar, que Ayala trilhou caminhos de forma singular, ao mesmo tempo que os caminhos estavam lá para serem trilhados. A constituição do ser político desse personagem expõe, em um caso individualizado, os conflitos narrativos e ideológicos que se davam no seio da massa operária e que tangenciavam sua atuação dentro das organizações oficiais e não oficiais, bem como afetavam direta ou indiretamente suas vidas pessoais. Essa relação entre o momento histórico e o indivíduo fica evidente já na análise preliminar das fontes.

Essa movimentação de Ayala no seu ambiente político mostra que os trabalhadores, grupo anteriormente compreendido como subalterno e sem impacto decisório, entraram e participaram ativamente do jogo político no Brasil no contexto que até o momento nos serve de pano de fundo. Nesse sentido, é relevante recorrer a Savage (2004), em sua afirmação de que o que distingue a vida operária seria a sua insegurança estrutural, onde a retirada dos meios de subsistência constrange o trabalhador a achar estratégias para uma vida menos incerta.

⁹ Idem.

Essa formulação nos possibilita reconhecer certas pressões estruturais sobre a vida operária, embora também pontue a urgência e examinarmos a enorme variedade de táticas que os trabalhadores podem escolher para cuidar de seus problemas – da luta contra seus empregadores à formação de cooperativas, à demanda de amparo estatal, a tessituras de redes de apoio nas vizinhanças [...] (Savage, 2004, p. 33).

Acompanhamos Savage quando ele fala das tessituras de redes, visto que analisar a trajetória de Ayala é observar estas construções. Um bom exemplo, que será melhor analisado nesta pesquisa à medida que avance a análise das fontes, são as já citadas aproximações de Ayala junto à Brizola, que, embora em campos diferentes (sendo um comunista filado ao PCB desde seus 18 anos e outro líder trabalhista), em diversos momentos aproximaram-se e dialogaram, e em outros tantos foram oposição ferrenha um ao outro. Ainda apoiados em Savage, é possível observar que as escolhas de Ayala não foram movidas apenas por um viés ideológico ou político, mas como um reflexo da insegurança estrutural que os trabalhadores viviam naquele momento, transformando a luta sindical na busca direta por uma melhor condição de vida para si e para seus companheiros e em uma política de conquista de dignidade e direitos.

Mais uma vez percebemos que o período que marcou a encampação da CEERG e a consolidação do Sindicato dos Eletricitários Gaúchos evidenciou a capacidade de organização e articulação da categoria. Frente às pressões do Estado e às tentativas de controle sobre a representação sindical, os eletricitários desenvolveram estratégias inovadoras para garantir sua autonomia e fortalecer sua presença política. A mobilização não se limitou a reivindicações pontuais; envolveu a construção de uma identidade coletiva, capaz de unir trabalhadores em torno de pautas comuns e de consolidar o sindicato como um ator de destaque no cenário estadual.

Com a análise da experiência dos eletricitários, que esse sindicato, ameaçado de desaparecer ou ser naturalmente incorporado à Associação dos Funcionários da CEEE, garantiu na lei e na marra a construção de uma organização de base estadual, rompendo os limites do município de Porto Alegre. Esse é o típico caso de um jogo combinado de utilização e, ao mesmo tempo, de contraposição da institucionalidade da legislação trabalhista, então vigente no país. Possivelmente, não tivemos outro sindicato, em Porto Alegre, que tenha combinado, com tanta energia, a luta ideológica em defesa da estatização dos serviços de energia elétrica (nacionalismo) com a defesa dos salários e dos direitos dos trabalhadores (Santos, 2004, p. 203).

Essa experiência demonstra como a atuação sindical, mesmo sob limitações legais e políticas, pôde se transformar em um instrumento de conquista de direitos e de fortalecimento institucional. O Sindicato dos Eletricitários resistiu às tentativas de enfraquecimento e expandiu seu alcance para além da capital, tornando-se um modelo de organização sindical estratégica e articulada. A conjugação de lutas políticas e reivindicações sociais mostra que a ação coletiva não depende apenas da legislação, mas da capacidade de mobilização, negociação e visão estratégica de suas lideranças.

Experiência dos eletricitários e a prática do nacionalismo trabalhista

O processo de encampação, apesar de celebrado inicialmente como uma vitória política e simbólica, trouxe consigo novos desafios para os trabalhadores e suas lideranças. A expectativa de que a gestão estatal resultasse em uma administração mais justa, transparente e participativa rapidamente se confrontou com a realidade da CEEE, que, mesmo sob controle público, herdava práticas rígidas, hierarquizadas e centralizadoras das antigas companhias privadas. Nesse contexto, os trabalhadores não podiam se limitar a esperar por melhorias automáticas: era necessário agir. Sob a liderança de Álvaro Ayala, os eletricitários precisaram reinventar suas estratégias de mobilização e negociação, construindo mecanismos internos de articulação e resistência que garantissem a manutenção de seus direitos e conquistas. A experiência mostrou que o sindicato representava a categoria em termos formais e se tornava mediador ativo entre as demandas dos trabalhadores e as exigências do Estado, fortalecendo sua função como ator político e social de relevância estadual.

Superada a euforia da encampação, quando os diretores da CEEE começaram a agir do mesmo modo que os patrões estrangeiros, o conteúdo do nacionalismo trabalhista foi questionado na prática. Para os trabalhadores, a estatização não era apenas trocar de patrão, mas significava a adoção de novas relações de trabalho (Santos, 2004, p. 204).

Essa constatação suscita a observação de que a conquista formal da estatização, embora carregada de significado político e social, não garantia automaticamente a transformação das condições de trabalho. A experiência dos eletricitários gaúchos mostra que os avanços legais e simbólicos precisavam ser continuamente defendidos, negociados e implementados no cotidiano laboral, sob o risco de perderem efetividade. Nesse sentido, a mobilização dos trabalhadores não se esgotava nas vitórias institucionais: ela exigia organização permanente, capacidade de articulação política e, sobretudo, lideranças que

fossem reconhecidas como mediadoras legítimas entre a base sindical, o Estado e a sociedade. É nesse contexto que, segundo as entrevistas com familiares, se insere a trajetória de Ayala, cuja atuação teria extrapolado os limites do sindicato e se projetou para o cenário político gaúcho.

Um exemplo de destaque, trazido por sua filha Luci Ayala em entrevista, refere-se à participação de Ayala durante a Campanha da Legalidade, momento de intensa mobilização popular em defesa da posse constitucional de João Goulart, em 1961, um líder trabalhista, assim como Leonel Brizola, o principal nome desse movimento de resistência. O relato revela sua inserção nesse episódio histórico, assim como sua posição de destaque dentro do movimento sindical:

Na crise da legalidade se articulou a defesa da Legalidade em cima de comandos. No caso o pai era um comando sindical, o que mostra o que ele era, uma liderança importante no movimento sindical e de alguma maneira consensual entre vários segmentos do movimento sindical, porque ele era e estava lá nessa liderança, entendeu?¹⁰

O depoimento de Luci Ayala permite observar a atuação de Ayala durante a Campanha da Legalidade, indicando sua presença como parte do chamado “comando sindical”. Essa participação sugere que sua atuação extrapolava a representação formal da categoria, envolvendo articulações entre diferentes setores do movimento sindical em um contexto de crise institucional. A possibilidade de interlocução com distintas correntes sindicais aponta para sua inserção no movimento sindical gaúcho de forma mais ampla.

Ao recuperar esse episódio pela memória de sua filha, demonstra-se também a dimensão política mais ampla de sua militância. Ayala não atuava apenas na esfera das reivindicações trabalhistas específicas, mas esteve envolvido em processos decisivos da vida democrática brasileira. A Campanha da Legalidade foi um marco na defesa da ordem constitucional e na resistência às forças que buscavam restringir direitos políticos, e o fato de Ayala estar diretamente inserido nesse processo reforça a centralidade que o sindicalismo, e particularmente o sindicalismo eletricitário, assumia na conjuntura dos anos 1960. Sua atuação nesse contexto revela como o movimento sindical não era apenas um ator social, mas um agente indispensável na disputa pelos rumos do país.

É necessário destacar que, dentro do contexto histórico, era comum compreender que

¹⁰ Entrevista feita com Luci Ayala, filha de Álvaro Ayala, em maio de 2024.

determinados líderes sindicais fossem descritos como figuras até mais relevantes que o próprio governador. No episódio do “Mata-borrão”, por exemplo, a memória registrada pela filha de Álvaro Ayala atribui ao pai uma relevância na sua participação que o colocaria como agente central do processo. Entretanto, colocando suas ações em contraste com a de outros agentes, percebemos uma atuação na verdade muito semelhante à de outros líderes sindicais contemporâneos a ele. Nesse caso, não temos como objetivo diminuir a atuação ou o destaque de Álvaro Ayala, mas sim trazer à luz ao fato de que essa relevância era compartilhada por muitos líderes sindicais naquele período. Nos próximos capítulos, as memórias sobre o episódio do “Mata-borrão” voltarão a ser apresentadas, e é relevante mantermos essas informações no campo de visão.

Considerações finais

Ao encerrar este trabalho, reafirma-se que a trajetória do Sindicato dos Eletricitários Gaúchos foi marcada pela luta por direitos imediatos e pela construção de uma prática sindical estratégica, capaz de equilibrar ideais de autonomia e proteção da classe trabalhadora frente às contingências do poder estatal. Essa trajetória confunde-se com o momento em que Ayala estava à frente do SENERGISIL, evidenciando que a força de uma organização sindical não se mede apenas pelo seu poder de mobilização, mas pela capacidade de transformar contextos políticos, sociais e econômicos em conquistas concretas para os trabalhadores.

Declaração de uso de Inteligência Artificial (IA)

Declaro que utilizei a ferramenta ChatGPT, desenvolvida pela OpenAI (modelo GPT-5.5), como recurso de apoio durante o processo de elaboração deste trabalho. A utilização da ferramenta teve como finalidade exclusiva o auxílio na revisão gramatical e a tradução do resumo para a língua inglesa. Ressalta-se que a definição do objeto de pesquisa, análise das fontes, construção teórico-metodológica, interpretação histórica e redação autoral do conteúdo permaneceram sob responsabilidade da autora.

Entre os comandos (*prompts*) utilizados, destacam-se, de forma sintética: “Corrija o texto e indique as alterações realizadas” e “Traduza o resumo para o inglês em linguagem acadêmica”.

O recurso foi utilizado em 11 de junho de 2026.

Referências bibliográficas

- AXT, Gunter. **A indústria de energia elétrica no Rio Grande do Sul: dos primórdios à formação da empresa pública (1887-1959)**. 1995. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- GANDRA, Edgar Ávila. **O cais da Resistência: a trajetória do sindicato dos trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande no período de 1959 a 1969**. Cruz Alta, UNICRUZ, 1999.
- KARSBURG, Alexandre. **A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias**. In: VENDRAME, Máira et al. Micro história, trajetórias e imigração. São Leopoldo: OIKOS, 2015.
- LEVI, Giovanni. **Sobre a Micro-História**. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992, p. 133-134.
- MIRANDA, Samir Perrone de. **Projeto de desenvolvimento e encampações no discurso do governo Leonel Brizola: Rio Grande do Sul (1959-1963)**. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- OLIVEIRA, Júlio César de. **A matriosca municipal: a transformação da Federação de Associações (FAMERGS) em Federação de Sindicatos (FESISMERS) (1979-1992)**. 2016. 393 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.
- SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial; Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- SANTOS, João Marcelo Pereira dos. **Os herdeiros de Sísifo: a ação coletiva dos trabalhadores porto-alegrenses nos anos de 1958-1963**. 2002. 236 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- SANTOS, João Marcelo Pereira dos. Eletricitários: toda energia é pouca. **AEL - Revista do Departamento de História da Unicamp**. Campinas: v. 1, n. 1, 2004.
- SAVAGE, Mike. **Classe e história do trabalho**. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs). Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004, p.25-48.